



Suplemento infantil do jornal

ANO XIV

O SECULO

N.º 698

O CRAVO, A ALCACHOFA E O GRILO

por VIRGINIA LOPES de MENDONÇA

NUM lugar da praça, estavam à venda um cravo de papel encarnado, repolhudo e vistoso, uma alcachofra, fresca e bem cheirosa, e um grilo dentro da sua galolinha.

Entre a alcachofra e o cravo levantou-se polémica.

Este era vaidoso da linda cor do seu

papel, da forma arrebitada das suas folhas e a alcachofra não lhe ficava atrás, pois, muito presumida, tóda se revia na sua formosura.

Passavam o tempo a trocar um do outro, achando que mereciam ambos as atenções de quem passava.

O grilo, ao ver aquela rivalidade das flores tão tafuis, tão orgulhosas, encolhia-se por baixo das fôlhas de alface, sempre receoso que dêsse na vista a sua fealdade de bicho farrusco e desajeitado. Mas... quem espanta, seus males espanta...

Uma ocasião, o grilinho pôs-se a trinar num trri-trri esganiçado.

Logo, o cravo olhou sobranceiro para a gaiola e, mal o descobriu, gargalhou, escarninho:

— «Que ridícula voz tem este animal! Arre pia cuvi-la!»

E a alcachofra retorquiu, arrebitando todos os biquinhos:



— «Já conheço esta sanfona desde pequenina! Lá nos campos onde vivi, não se ouvia outra cousa! E vem isto para a cidade! Que descaro!»

O pobre grilo, na sua humildade, pensou: — «Estas lindas flores devem ter razão. Sou preto e mal feito... Elas têm tão lindas cores!... São tão elegantes!»

E, cada vez mais encolhido, queria sumir-se pela terra abaixo, mas o pau da gaiola não cedeu e êle, muito infeliz, nunca mais se atreveu a bulir.

Aconteceu uma rapariga comprá-los todos juntos.

Levou-os consigo para uma casa alegre. Cuidava dos três com igual carinho.

Mudava a água do copo, onde estava a alcachofra, limpava o pó das fôlhas do cravo e não faltava com alface ao grilo.

Ora, uma noite houve festa rija. Cantos, dansas e queima de muito fogo.

O grilo assistiu, então a uma cousa espantosa!

A rapariga pegou na linda alcachofra e foi com ela para o jardim.

Ali, queimou-a na fogueira, dei-



(Continua na página 4)

AVENTURAS E DESVENTURAS DO CHICO PACÓVIO

POR ISABEL AREOSA

O CHICO PACÓVIO VAI DESPEDIR-SE DO COMPADRE ANICETO

TRUZ... truz... truz...
ANICETO: — «Olha quem ele é! Faça favor de entrar, compadre Chico! Então, como vai essa bizzarria?»

CHICO PACÓVIO: — «Essa quê?... Mas eu não tenho bizzarria nenhuma.»

ANICETO: — «isto é cá uma maneira de cumprimentar muito chic... É á moda de Lisboa.»

CHICO PACÓVIO: — «Ah! Pois é para lá que eu vou. Vou para Lisboa e venho despedir-me de vocemecê.»

ANICETO: — «Pois tem graça, tem. É que eu também estava para me ir hoje despedir de vocemecê, porque também tenho de ir a Lisboa.»

CHICO PACÓVIO: — «Muito me conta.»

ANICETO: — «Mas, afinal, o que é que o leva a Lisboa?»

CHICO PACÓVIO: — «Fui apurado nas inspeções e vou para a vida militar... Vocemecê, é claro, vai dar o seu passeio á capital?»

ANICETO: — «Nada disso, vou tratar de um assunto grave.»

CHICO PACÓVIO: — «Sim? Conta lá isso, homem!...»

ANICETO: — «Vocemecê sabe lá as dores de cabeça com que tenho andado! A noite passada, passei-a completamente em claro.»

CHICO PACÓVIO: — «Pois olhe que a noite passada esteve bem escura.»

ANICETO: — «Pois passei-a em



claro, com dores de cabeça e o meu filho com dores de barriga.»



CHICO PACÓVIO: — «Vocemecês comeram alguma coisa que lhes fez mal, com certeza.»

ANICETO: — «Não temos mas é comido nada!»

CHICO PACÓVIO: — «Devem estar com muita debilidade...»

ANICETO: — «Já deve ter compreendido... E' por causa do exame do meu filho.»

CHICO PACÓVIO: — «Não tenho compreendido, não.»

ANICETO: — «Pois é por causa do exame, é. O meu filho anda cheio de dores de barriga e eu de dores de cabeça.»

CHICO PACÓVIO: — «Mas fizeram algum exame á barriga do seu filho e á sua cabeça?»

ANICETO: — «Homem! Vocemecê não compreende nada. O exame é o dos estudos! Eu explico: — O meu filho vai fazer exame e eu ando preocupado e éle atrapalhado, de forma que eu vou a Lisboa por causa das cunhas...»

CHICO PACÓVIO: — «Então as Cunhas querem pregar partida ao rapaz?...»

ANICETO: — «Não. Eu é que ainda não arranjel cunhas. Compreende... Se eu arranjo duas ou três cunhas para o júri, o rapaz está salvo.»

CHICO PACÓVIO: — «Sim... Isso em Lisboa deve ser coisa fácil. Há lá



O COELHO, O FURÃO, O CÃO, A RAPOSA, O LOBO e o CAÇADOR



tique-tique...
ligeirinho,
ponde um dique
no adorado
buraquinho,
já tapado
com pedrinhas.

D. Furão
fura, fura
mas em vão



foge em louca
correria.

De repente,
— quem diria?
surge um lobo
que a raposa
já cubiça
e que logo

O coelho
Orelhudo
o bedelho
põe em tudo.



vem dum canto,
e, gulosa,
logo avança
para o cão,
na esperança
de alcançá-lo.

Sem socorro



o ódio atíça
contra ela,
desejoso
de comê-la.

Em corrida
bem ligeira,
a matreira
salva a vida.

Surge, nisto
o senhor
Zé Calixto,
caçador.

(Continua na pág. 6)

Uma tarde,
D. Furão,
sem alarde,
surge e então
Orelhudo
mal o coca
corre à toca,

tenta entrar
lá na lura.

Nesta altura,
surge um cão
perseguido
D. Furão
que, fugindo,
lá consegue
que o rafeiro
lhe não chegue.

Entretanto,
vil raposa



de ninguém,
o cachorro,
mal a coca,

tantas Cunhas. — Mas olha lá: O Júri
êste ano, é todo composto por pro-
fessoras?»

ANICETO: — «Não. Isto é, não sei;
ainda não me constou.»

CHICO PACÓVIO: — «Como o
vejo assim com essa fé nas Cunhas,
já quei que já soubesse.»

ANICETO: — «Não, por enquanto
não sei nada. Mas lá fé nas cunhas
isso tenho. As cunhas são tudo num
exame.»

CHICO PACÓVIO: — «Mas quem
lhe di-se que, se o Júri fosse com-
posto por Cunhas, o seu rapaz ficaria
aprovado?»

ANICETO: — «Bem me parecia que
vocemecê não estava a entender
nad», mesmo nada. Isto de cunhas,
não é porque os professores se cha-
mem Cunhas. Não! Meter uma cunha
é meter um empenho; é fazer um pe-

dido, para que sejam benevolentes e
me aprovelem o rapaz.»

CHICO PACÓVIO: — «Ah! Agora
entendo. Eu julgava que os examina-
dores tinham mesmo de se chamar
Cunhas e que vocemecê tinha lá essa
fé nos Cunhas examinadores!»

ANICETO: — «Não, criatura. São
cunhas mas são empenhos, entende?
Isto é em linguagem figurada. Preciso
de meter empenhos porque vocemecê
calcula o desgosto que eu terei se o
meu filho ficar mal! É como quem
diz: — se me traz uma raposa para
casa.»

CHICO PACÓVIO: — «Venda a ra-
posa. Já ganha alguma coisa. Olhe,
um filho do meu tio Inácio ficou repro-
vado o ano passado e não trouxe
raposa nenhuma ao pai. Já vê que o
meu tio Inácio ficou pior.»

ANICETO: — «Vocemecê não en-
tende mesmo nada. Raposa quer dizer

que ficou raposado. Quando os rapa-
zes ou as raparigas ficam raposados
diz-se que apanharam uma raposa.»

CHICO PACÓVIO: — «É boa, sim
senhor. Não conhecia... Eu às vezes
até me conyengo que ainda não sei
falar português!»

ANICETO: — «Pois isto é em lin-
guagem figurada.»

CHICO PACÓVIO: — «E essa lin-
guagem figurada é português?»

ANICETO: — «Claro que é.»

CHICO PACÓVIO: — «Cuidei que
ão.»

ANICETO: — «Mas... como ia di-
zendo... Eu já sei como estas coisas
se passam. O ano passado os filhos lá
do meu vizinho Zé Manuel, andaram
mal no exame; o examinador esca-
mou-se e zás... pregou-lhes um
chumbo!»

(Continua na página 7)

MEMORIAS DO GIGANTE ARRANHA-CEUS

(Continuado do número anterior)

Uma tarde, estavam todos ao redor da fogueira, apareceu um negro, que eu nunca tinha visto, com um papel que designaram de telegrama, e que o Pedro, o chefe da expedição, abriu com manifesta ansiedade. Após a leitura, exclamou: — «Partimos amanhã!» Maria e Clara olharam contristadas para mim e segredaram, a meia voz, para Pedro, mas de forma que nem uma palavra me escapou, a-pesar de estar ainda pouco identificado com a língua: — «Levêmo-lo, também.» — «Impossível!» — foi a resposta, breve e categórica, do chefe.

Na noite do dia seguinte chorei pela primeira vez em toda a minha vida. A expedição partira, deixando-me a palhoça para nela ficar vivendo e comestíveis para bastantes meses.

Sózinho, no meio das feras, saudosos dos meus civilizados companheiros, principalmente de Clara, a minha vida tornou-se insuportável. E uma certa manhã, quando o sol começou a raiar, despertando as aves e dando começo ao estranho concerto sinfônico da selva, uma infinita tristeza se apoderou da minha alma. Os brancos haviam-me feito antever um mundo diferente daquele que eu conhecia; haviam-me falado de terras maravilhosas onde, em vez do predomínio da força, apenas material, existia um outro domínio superior: — o prestígio da inteligência, o Império do Amor

e da Graça. Compreendi, então, que pertencia a uma espécie animal superior à dos gorilas, chimpanzés e outras feras; que, além do instinto comum, havia dentro de mim qualquer coisa que lhes faltava a eles e que me tornava imortal: — a Alma, O Espírito, o Raciocínio.

Continua



O CRAVO, a ALCACHOFRA e o GRILO

(Continuado da página 1)

xando-a arder, arder, até ficar como um carvão!

Ainda com a alcachofra em chamas, aproximou-a do cravo que trazia ao peito.

O fogo pegou ao papel.

Com um grito de susto, ela arremessou-o para o chão e espezinhou-o, até o deixar feito em massa.

A alcachofra ficou ao relento, espetada num vaso.

Mas, de manhã, quando ela a viu, pretinha como um tição, furiosa, atirou-a para um monte de lixo.

Assim acabaram as duas flores.

O grilo cogitou muito tempo na grande fatalidade que lhe sucedera.

Foi vivendo... foi vivendo... sempre bem tratado, muito estimado.

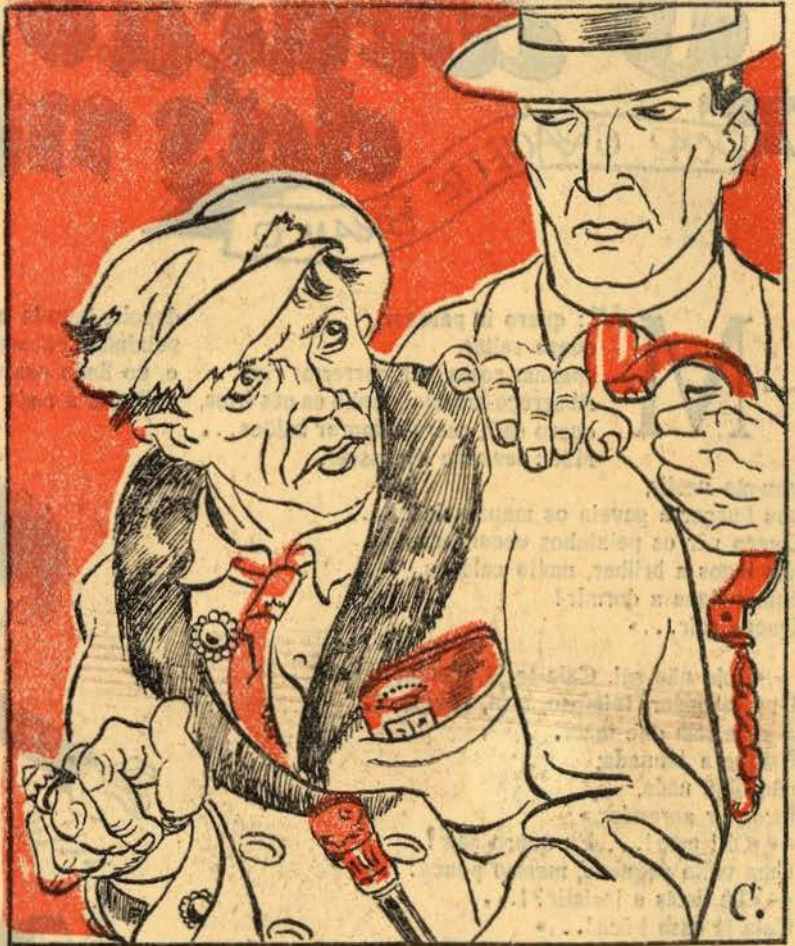
Agora, cantava, satisfeito, pois percebia que a rapariga gostava de lhe ouvir o canto que dizia:

— «Cri-cri-cri-cri-cri-cri, só eu resisti.

Vivo há três meses, e os dois freguezes, tão soberbões, tão toleirões, um queimou-se, outro tisonou-se! Antes ser grilo, viver tranquilo, cantar, cantar, té rebentar!»

QUE ESTARÃO DETECTIVES À PROVA ÊLES PROCURANDO?

Nos desenhos abaixo publicados, os nossos pequeninos leitores encontrarão um engraçado entretenimento, que consiste em descobrir o que estarão procurando os personagens neles representados. Basta observarem, com atenção, os referidos desenhos e, em seguida, combinarem as letras dispersas, de forma a constituírem as palavras que os elucidarão.



O «Pim-Pam-Pum», pondo à prova, mais uma vez, a sagacidade dos seus pequeninos leitores, informa-os de que foi assaltada a residência dum rico titular e pergunta-lhes que significa o desenho acima, que representam os dois personagens que nele figuram e quantos foram os objectos roubados?

A BALA DO DR. SABÃO

CONSTRUÇÃO PARA ARMAR

Por absoluta falta de espaço não podemos publicar hoje o complemento desta construção, o que faremos no próximo número.



O coração das mães

por GRACIETTE BRANCO

— **M**ÃE: quero ir passear,
quero saltar,
apanhar rosas, vêr correr os rios...
Aborreço-me aqui, tenho os pés frios,
quero sair, quero comprar balões...
Mãe: leva-me a passear,

vou-me vestir,
vou buscar à gaveta os meus calções...
Quero vêr os peixinhos encarnados
nos lagos a brilhar, muito calados,
com a água a dormir!
Quero sair...»

— «Hoje não sai. Cale-se já, menino.
Que maçador, teimoso, mau, rabino...
A mãe tem que fazer.
Estude a tabuada;
não diga nada,
faça por aprender.»
— «Oh! mãe!... Eu quero sair!
Uma volta pequena, mesmo pouca...»
— «Tu estás a insistir?!...
Cala já essa boca!...»

— «Filhinho! Meu amôr! Sentes-te mal?!
Vem dar uma vovinha no quintal,
quero vêr-te correr! Vêr-te saltar!
Não podes, meu amôr?! Estás tão quente!
O meu rico menino está doente!
Deixa! Não olhes mais a tabuada
descança a cabecinha na almofada,
quero vêr-te cantar, vêr-te sorrir,
os botões da roseira estão a abrir...
Melhora, meu amôr, com meus afagos,

depois, levo-te a ver jardins e lagos,
peixinhos encarnados, borboletas,
e, no lindo canteiro das violetas,
colherás a mãe bela, de entre tôdas...»



Quero vêr-te brincar, dansar às rodas,
deixa vêr os teus olhos um momento,
que dão sol e dão alento
e luz, calor à minha vida inteira...
Amôr! Olha p'ra mim
dessa maneira!...

E o coração das mães é todo assim.

O Coelho, o Furão, o Cão, a Raposa, o Lobo e o Caçador

(Cont. da pág. 3)

que mal dá
com a fera,
nada espera
— (pois, pudera!) —
mete à cara
a espingarda
e dispara.

— «Ó da guarda!...»
Foge o lobo,
tal e qual
como o cão,
o coelho,
a raposa
e o furão.

Dêste conto

a moral
mostra bem
que é um tonto
quem faz mal.
Pois a quem
a maldade
praticar,
na verdade,
o castigo

sempre chega;

o Destino
se encarrega
de lho dar.

O TEATRO DO «PIM-PAM-PUM»

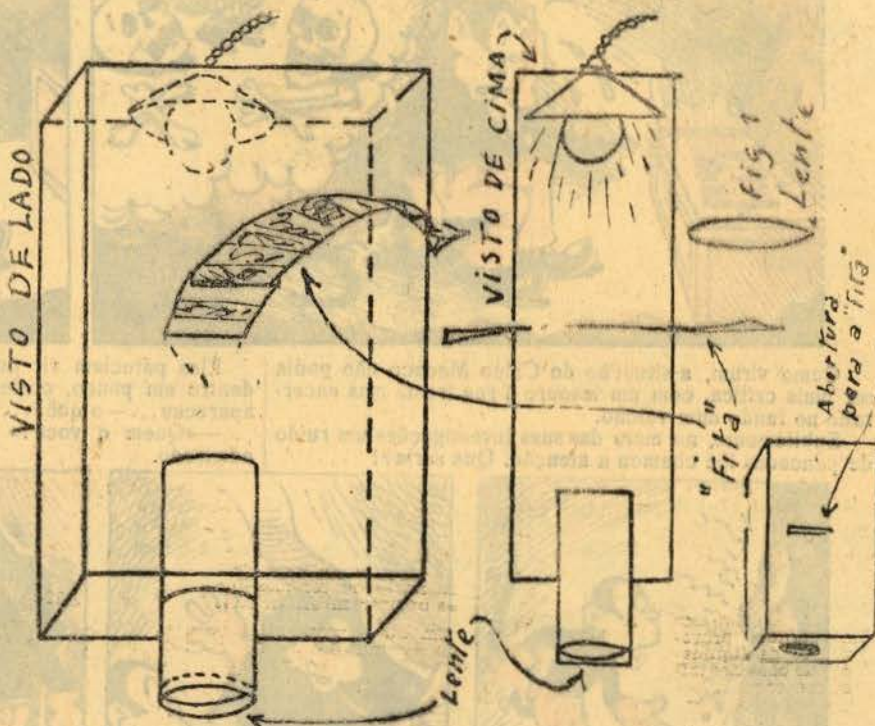
A LANTERNA MÁGICA

Em vez da peça que tínhamos prometido, damos hoje o esquema uma lanterna mágica, na qual podereis correr pequenas «fitas» de papel vegetal, com desenhos, ou até mesmo as fitas cinematográficas, com os bonecos imóveis, e claro.

O seu material é o seguinte: uma caixa — (até de sapatos serve,) — uma lente bi-convexa (fig. 1), um tubo de cartão, do diâmetro da lente, e uma lâmpada.

Na caixa faz-se uma abertura circular à frente, na qual se encaixa, com pequena pressão, o tubo; e dos lados duas pequenas ranhuras por onde correrão as «fitas». Na parte de trás, põe-se a lâmpada na disposição que se vê na gravura e está pronto o «cinema». As fitas podem decalcá-las em papel vegetal, muito transparente.

Brevemente daremos outra maneira de se fazer a lanterna, na qual podereis então exibir desenhos feitos em papel opaco.



AVENTURAS e DESVENTURAS do CHICO PACÓVIO

(Continuado da pág. 3)

CHICO PACÓVIO: — «Crédito! Compadre Aniceto!»

ANICETO: — «Pois foi assim mesmo!»

CHICO PACÓVIO: — «Mas isso seria verdade?»

ANICETO: — «Tal qual como lhe digo!»

CHICO PACÓVIO: — «E é claro, o examinador foi para a cadeia?»

ANICETO: — «Qual! Nada disso! Lá está este ano a examinar outra vez, prontíssimo para pregar outros chumbos nos primeiros que lhe vão parar as mãos e que não lhe caíam em agrado.»

CHICO PACÓVIO: — «Mas isso não devia ser permitido!»

ANICETO: — «Pois não devia, mas...»

CHICO PACÓVIO: — «Mas não tomaram providências nenhuma?»

ANICETO: — «Nenhuma!»

CHICO PACÓVIO: — «Mas esse homem é um criminoso; é um ser pernicioso para a sociedade!»

ANICETO: — «Pois claro que é!»

CHICO PACÓVIO: — «É um ente prejudicial!»

ANICETO: — «Prejudicialíssimo! Está um pai a gastar um dinheirão com os pequenos para um prejuízo destes!»

CHICO PACÓVIO: — «Que triste desencanaço!»

ANICETO: — «Tristíssimo!»

CHICO PACÓVIO: — «Até me sinto quasi a chorar, meu compadre.»

ANICETO: — «Pois olhe que o pai dos pequenos, também se fartou de chorar o dinheiro perdido.»

CHICO PACÓVIO: — «E esse infeliz pai o que fez depois?»

ANICETO: — «Ora, deu uma tarefa nos pequenos!»

CHICO PACÓVIO: — «Anh, compadre Aniceto?! Não...? Então eles não morreram?»

ANICETO: — «V cemeçê está tonto?»

CHICO PACÓVIO: — «Então, v cemeçê não me disse que o examinador tinha pregado um chumbo nos pequenos?»

ANICETO: — «Pois pregou, isto de pregar um chumbo nos exames é o mesmo que a raposa. — Quere dizer: reprovou-os.»

CHICO PACÓVIO: — «Ora! Ora!

Eu julgava que o examinador tinha pregado um tiro nos pequenos. E estava eu tão comovido.»

ANICETO: — «Nada disso. Vocemecê o que não entende é a tal linguagem figurada.»

CHICO PACÓVIO: — «Ora deixe-se de linguagens figuradas que anda uma pessoa aqui às aranhas sem perceber patavina. Essa linguagem figurada para mim, fica tão desfigurada que nem a conheço.»

ANICETO: — «Pois aprenda... aprenda. Olhe, agora quando for a Lisboa, tem muito que aprender.»

CHICO PACÓVIO: — «Bem, bem... Vou-me chegando — que já se fez tarde. Então, até qualquer dia.»

ANICETO: — «Até qualquer dia, compadre Chico.»

CHICO PACÓVIO: — «E muito desejo que arranje as cunhas, a raposa e o chumbo... Oh! quere dizer... Que arranje as cunhas e não arranje a raposa e o chumbo.»

ANICETO: — «Obrigadinho, obrigadinho. E muita sorte é o que lhe desejo lá na vida militar.»

CHICO PACÓVIO: — «Muito agradecido. Passe bem, meu compadre. Saúdiinha.»

GRANDES AVENTURAS DE CHICO MACACO EM AFRICA



Como viram, a situação de Chico Macaco não podia ser mais crítica, com um tesouro à sua frente mas encerrado no fundo dum vulcão.

Subitamente, no meio das suas investigações um ruído de pancadas lhe chamou a atenção. Que seria?!

Elas pareciam vir duma das paredes da galeria que, dentro em pouco, começou a ruir e pelo buraco aberto apareceu... — o quê?... Ouçam...

— «Quem é você?» perguntou Chico Macaco, muito admirado.



— «Quem sou? Sou D. Beltrão Toupeira, conde de Terras Debaixo. E se não me engano o sr. é o célebre Chico Macaco, professor de desenho do «Pim Pam Pum.»

— «Pois sou. E estou numa situação muito aflitiva, aqui encerrado.»

— «Mas uma personagem ilustre não pode ficar aqui. Eu o salvarei.»

E, metendo mãos à obra, que é como quem diz à picareta, começou a minar uma galeria até à superfície da terra.



O nosso herói ia atrás, empurrando a arca do tesouro. Já à superfície da terra, a picareta de D. Beltrão fez voar uma pedra que foi acertar no olho dum tigre que ia passando, e que lhe fez ver as estrelas.

— «Arre que é bruto! Isto não se faz a um tigre honrado. Quem seria o engraçadinho?»

E, sentando-se no chão, ficou à espera de ver quem sairia do buraco aberto no solo.

E eis, outra vez, o nosso herói e D. Beltrão numa boa entalção...

TAVARES PINO